

Santader admite fim de marca "Banco Real"

Luciano Máximo

Um dia depois de o Banco Real enviar comunicado a seus clientes com a primeira notificação oficial sobre a compra da instituição pelo espanhol Santander, garantindo que "tudo permanece inalterado em nosso relacionamento de negócios", o atual presidente do Grupo Santander Brasil, Fábio Barbosa, ex-número 1 do Real, admitiu a possibilidade de que, no longo prazo, as operações e a marca do Real sejam absorvidas pela bandeira Santander. "Nós estamos no meio de um projeto, que será divulgado em outubro, e muitas coisas ainda vão ser definidas. [A independência das marcas] Continuará assim por muito tempo, mas em algum momento, obviamente, isso pode ser revisto", disse Barbosa.

A prática faz parte do histórico de expansão do Santander no País, que começou em 1997 com a compra do Banco Geral de Comércio, seguiu no ano seguinte com a aquisição do Noroeste e se consolidou em 2000 com a compra dos bancos Meridional, Bozano Simonsen e Banespa. Atualmente, todas essas instituições funcionam sob a marca do gigante espanhol. No caso da privatização do Banespa, o presidente do Santander na época, Gabriel Jaramillo, afirmou que a marca do banco estatal seria mantida.

O atual presidente do Santander, no entanto, afirma que o processo de fusão do Real será transparente. "Na medida do possível eu tenho procurado dar muita transparência aos funcionários do banco, eles estão super-bem informados, os clientes estão informados". Barbosa destacou que a estratégia de momento é a do "nada-muda". "O cliente continua se relacionando com a gerente do Real e o pessoal Real continua recebendo o mesmo holerite do Banco Real".

A compra das operações do ABN-Amro no Brasil pelo Santander foi fechada em outubro de 2007 e aprovada pelo Banco Central em julho deste ano. Outras unidades do grupo holandês fora do Brasil também foram negociadas em uma operação de 91 bilhões de euros, envolvendo, além do Santander, os bancos europeus Fortis e Royal Bank of Scotland (RBS).

De acordo com o comunicado recebido pelos clientes do Banco Real, a união entre Santander e o banco holandês vai resultar na criação do segundo maior banco do País em depósitos, com quatro mil agências, 8 milhões de clientes pessoa física e 500 mil pessoa jurídica e 55 mil funcionários.

Relatório social

Enquanto presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Fábio Barbosa apresentou ontem à imprensa o balanço de investimentos sociais dos bancos brasileiros em 2007, que representaram R\$ 1,129 bilhão, queda de 1,92% em relação a 2006 (R\$ 1,151 bilhão).

O Relatório Social 2007 da Febraban, com participação de 29 bancos, mostra queda de quase 97% nas ações das instituições financeiras para a erradicação da pobreza e o combate à desigualdade social em relação a 2006. Os aportes para este fim somaram R\$ 2,6 milhões no ano passado, ante R\$ 82,1 milhões desembolsados no ano anterior. Sônia Favaretto, diretora de Responsabilidade Social da Febraban, explicou que o desempenho social dos bancos se equilibra em outras áreas. Segundo ela, no período, o apoio a programas de ensino superior subiu 133%, de R\$ 30 milhões para R\$ 70 milhões. Recursos de apoio a comunidades avançaram 787%, de R\$ 5,7 milhões para R\$ 50,6 milhões.

A executiva destacou a estabilidade do resultado geral do balanço entre 2006 e 2007 e comemorou: "Trata-se de um número sustentável e consistente. Para nós, não interessa haver apenas alguns picos de alta", argumentou.

Fábio Barbosa comparou o resultado de 2007 com a performance dos anos anteriores. Em 2003, os investimentos sociais e culturais dos bancos somaram R\$ 602 milhões, passaram para R\$ 826,4 milhões no ano seguinte, atingiram a marca de R\$ 1,002 bilhão em 2005,

subiram para R\$ 1,151 bilhão em 2006 e chegaram a R\$ 1, 129 bilhão no ano passado."Mais importante do que a foto [do relatório] é o filme que vimos nestes anos", complementou.

Fonte: DCI, São Paulo, 14 ago. 2008. Primeiro Caderno, p. A11.

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.